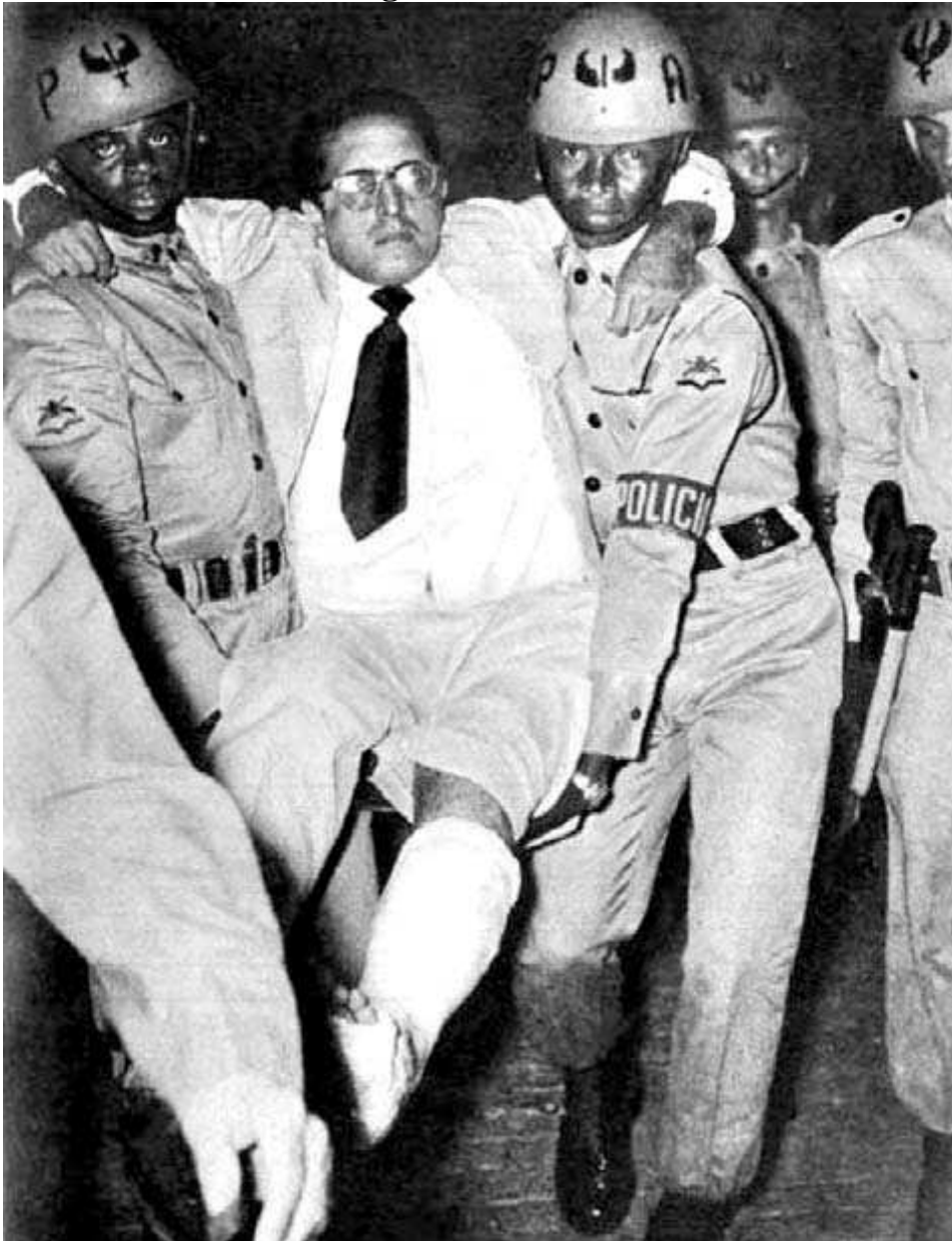


Testemunhas fotográficas da história



A imprensa é um dos instrumentos mais eficazes a que recorrem os historiadores para reconstituir os acontecimentos de um país. E os registros fotográficos contidos na imprensa, são elementos fundamentais nessa reconstituição. Isso fica absolutamente evidente no livro *A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX*, obra recém-lançada pelo historiador Oswaldo Munteal, do Departamento de História da PUC-Rio e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e a fotógrafa Larissa Grandi.

Num cuidadoso trabalho de pesquisa que cobre o que de mais importante a imprensa brasileira publicou de 1900 a 1990, Oswaldo e Larissa partiram da premissa que “as imagens capturam mais do que o momento pode flagrar, daí sua importância como documento histórico”. Foram recuperadas páginas e capas publicadas em veículos do começo do século, como *Revista da Semana*, *O Malho* e *Fon-Fon*, passando pelo *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Realidade* e chegando nos jornais e revistas de hoje.

Não é livro apenas para historiadores e jornalistas, mas para todo aquele que tenha curiosidade sobre nossa história e como a imprensa e seus fotógrafos testemunharam seus acontecimentos. Fartamente ilustrado, impresso a quatro cores, com capa dura e textos informativos e bem elaborados, certamente veio para se transformar em obra de referência.

O livro abre duas perspectivas: conhecer a história recente do Brasil a partir das imagens publicadas pela imprensa e entender a trajetória do jornalismo fotográfico praticado no Brasil desde seus primórdios. É interessante observar como publicações do início do século já buscavam valorizar a imagem, explorando fotografias em páginas inteiras ou em composições de várias fotos, muito próprias da época.

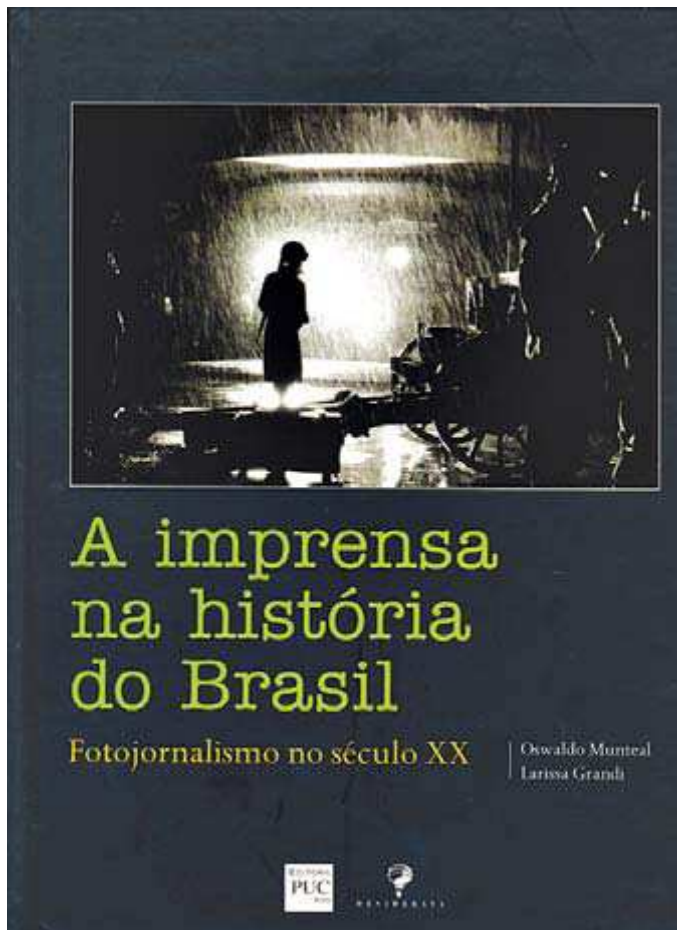
Nas revistas dos anos 50, como *O Cruzeiro* e *Manchete*, a fotografia ganhou força dramática, compondo as grandes fotoreportagens que marcaram época e fizeram mitos na imprensa.

No jornalismo de hoje, a fotografia busca o flagrante que sintetize a notícia, o fato histórico, o personagem. São fotos que perseguem também a expressão artística, como a que ocupa a capa do livro, de autoria de Evandro Teixeira, e que mostra a silhueta de soldados debaixo da chuva nos momentos do golpe de 64. Uma imagem que prenunciava os anos negros que viriam pela frente.

Tem sido freqüente, ultimamente, o lançamento de livros de fotografia de caráter histórico, como os que mostram a obra de Marc Ferrez – que tão bem documentou o Rio de Janeiro do século XIX – ou de Pierre Verger, cuja lente captou a força da presença dos negros na Bahia. São também comuns livros com a produção de profissionais contemporâneos, valorizando seu olhar da realidade brasileira.

Mas um livro explorando o papel do jornalismo fotográfico na história do Brasil é novidade muito bem-vinda. Como diz o fotógrafo Evandro Teixeira na introdução: “O fotojornalismo registra e eterniza a vida, na plena construção da memória, desde os grandes acontecimentos à vida cotidiana”

A revolução digital



A Imprensa na história do Brasil conta de forma bastante completa a evolução técnica da fotografia jornalística em nosso país. Com o livro, podemos acompanhar as mudanças nos equipamentos usados pelos fotógrafos e como isso se refletiu no difícil trabalho de captar e publicar diariamente imagens para a imprensa do país.

A revolução provocada pela tecnologia digital é um exemplo. Faz pouco tempo, para um fotógrafo de jornal ou revista viajar a trabalho significava carregar um pesado conjunto de equipamentos e produtos químicos, improvisar laboratório nos quartos de hotel, transmitir com dificuldade as imagens por meio de lentas máquinas de telefoto.

Foi a partir da década de 90 que isso mudou. Veja o que diz o livro: “A Copa do Mundo de futebol de 1994, realizada nos Estados Unidos, foi o primeiro teste de fotografia da imprensa na era digital. No Brasil, uma das primeiras coberturas feitas com máquina digital foi durante as Olimpíadas de Atlanta, para o jornal Zero Hora, mas como experiência isolada.

A primeira cobertura de um evento feita, efetivamente, com câmeras digitais por fotógrafos brasileiros ocorreu na Copa do Mundo da França, em 1998, onde repórteres da Folha de S.Paulo usaram exclusivamente esse tipo de equipamento para registrar os jogos e o dia-a-dia dos jogadores.

Em dezembro de 2000, todos os profissionais da editoria de fotografia da Folha passaram a usar exclusivamente máquinas digitais, além de aprimorar o sistema de envio, recepção e tratamento dessas imagens, com aquisição de computadores portáteis, celulares e softwares próprios. A agilidade proporcionada pela fotografia digital era o maior motivo para a adesão dos jornais à nova tecnologia”.

